

## PASSAGENS DE BOND, COM MACHADO

Ana Luiza Andrade

Universidade Federal de Santa Catarina

Elo entre ficção e história<sup>1</sup>, desde a concepção à recepção, a crônica moderna<sup>2</sup>, em sua forma ambivalente entre ficção e fato (notícia), entre alta literatura e folhetim, passa a ser distribuída em maior quantidade e indiscriminadamente para letrados e leitores de jornal, no fim do século passado. Neste movimento transformativo de dobra dessacralizante, de modernização da forma, a crônica relaciona, como o cinema, o contínuo ao descontínuo do tempo, registrando o que acontece em um momento qualquer referido à duração do todo. No entanto, assim como o cinema, a crônica se apresenta incôgrua em sua época, uma “arte industrial” que não é nem arte e nem ciência. Deleuze assinala que “já no cinema mudo, Chaplin arrebatou ao mimo da arte das poses, convertendo-o em mimo-ação”<sup>3</sup>.

De fato, reler as folhas finisseculares de Machado de Assis, assim como assistir aos filmes de Chaplin, é reacender hoje um saboroso impacto, uma atualidade que nos transporta às ilusões e às desilusões modernas, ou seja, às expectativas falidas de um projeto moderno em sua ideologia capitalista de progresso civilizatório, fundada no cientificismo racionalista e em seu legado de reprodutibilidade industrializada e tecnologias subseqüentes. O cronista Machado de Assis parecia bem consciente da adoção de um gênero não-canônico, com um pé no valor eterno de uma literatura consagrada, e outro na efemeridade profana da indústria cultural. Não à toa, Davi Arrigucci destaca esta locomoção da liga machadiana “do útil e do fútil”, que “a cada momento puxa a vida do espírito para baixo, para o chão material e, ao mesmo tempo, se entrega, com prazer perverso, a uma metafísica de quinquilharias”<sup>4</sup>.

As crônicas machadianas, de forma similar ao cinema, ambas invenções recentes no fim do século, arrebatam momentos iluminados aos movimentos significativos de suas passagens a uma sociedade moderna, conver-

<sup>1</sup> GLEDSON, John. *Ficção e história*. Trad. Sonia Coutinho. RJ: Paz e Terra, 1986.

<sup>2</sup> Sobre crônica brasileira, consultar: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas-SP: Editora da Unicamp; RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Também em: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46, n. 1-4, SP: jan.-dez. 1985; ou ainda: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. RJ: José Olympio; CCBB, 1995.

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. *La imagen-movimiento. Estudios sobre el cine I*. Trad. Irene Agoff. Barcelona-Buenos Aires: Paidós, 1994, p. 20-21.

<sup>4</sup> ARRIGUCCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica” In: *Enigma e comentário. Ensaio sobre literatura e experiência*. SP: Cia. das Letras, 1987, p. 58.

tendo-se, em sua forma mesma, em meio de transporte para o entrecruzamento dos múltiplos processos sociais, históricos, políticos e econômicos, que se desencadeiam culturalmente desde então, a maioria deles chegando até aos nossos dias. Dentre eles, destacam-se os movimentos das esferas públicas às privadas, entre monarquia e república, e entre as classes sociais formadoras de "bolsões de prosperidade e vastas áreas de miséria"<sup>5</sup>. Quanto à forma de produção, as crônicas registram movimentos entre o analfabetismo e a ilustração, entre a arte e a indústria, entre a magia e a técnica<sup>6</sup> e, mais especificamente entre a crença de uma maioria nos feitiços (ligados aos valores religiosos) de um tempo divino em sua continuidade, e a crença de uma elite nos fetiches (os valores do consumo — a moda, p. ex.) do tempo descontínuo, mecânico e efêmero da era industrial capitalista.

Ao meter o nariz no futuro, em sua "curiosidade estreita e aguda", Machado de Assis lança, ao mesmo tempo, um olhar microscópico em direção ao passado, confessando gostar de "catar o mínimo e o escondido". Sua atenção se volta então ao que se descarta, ao que se desterritorializa no processo do movimento, nesta passagem da ordem do dia para a noite do obscurantismo, o que se perde entre a construção e a destruição, chegando ao próprio ser humano, em seu corpo orgânico e animal, entre os seus extremos culturais e suas fronteiras naturais. Se, por exemplo, expõe, de um lado, as inovações da ciência na medicina, como os remédios para curar as doenças do corpo, por outro lado, se pergunta "Por que os remédios morrem?" e, no registro das substituições de um remédio por outro, efetiva o resgate dos detritos deixados pela indústria: o Xarope do Bosque, cujo nascimento Machado testemunha, desaparece junto com um certo colírio fabricado por um já falecido Antonio Gomes, colírio esse que, na disputa mercantil dos produtos da indústria farmacêutica, pode ter sido vencido pelo rapé Grimstone, que já não é nem remédio mas uma droga, e que já nem tem autor, mas a marca da fábrica<sup>7</sup>.

Se o remédio é a nova mágica da ciência, um exemplo da velha magia desterritorializada pela racionalidade da indústria é o registro do recolhimento de duas feitiçairas e uma cartomante à casa de detenção, crônica em que Machado de Assis se pronuncia contra o código penal por este considerar a feitiçaria um crime, já que elas "acreditam no que fazem" (p. 646). Ainda quanto às crônicas criminais, o cronista chega a registrar um caso de enforcamento por canibalismo na Guiné, o que justifica o resgate de um outro caso em Minas Gerais, em 1890. "Comei-vos uns aos outros" conclui o cronista, e cita o ditado em francês: "*Si cette histoire vous embête, nous allons la recommencer*" (p. 670). Dos fins aos incios, do civilizado ao selvagem, entre

<sup>5</sup> IDEM. *Ibidem*, p. 63.

<sup>6</sup> BUCK-MORSS, Susan. "Mythic history: fetish" In: *The dialectics of seeing. Walter Benjamin and the Arcades Project*. Massachusetts: The MIT Press, 1991.

<sup>7</sup> MACHADO DE ASSIS. *Obras completas. v. III - Crônica*. RJ: Nova Aguilar, 1992, p. 593. (As citações subsequentes se referem à mesma edição.)

a natureza e a cultura, Machado de Assis indica os movimentos extremados de suas crônicas em sua ambivalência factual e fictícia. Nesses trilhos, deixa clara a desterritorialização do próprio homem, indicando o caminho bifurcado de sua bestialização ou de sua maquinização, no esmagamento do outro de si mesmo (p. 553).

Assim, o movimento cultural desterritorializador da mecanização registra-se, nas crônicas machadianas, e se identifica especificamente ao momento da introdução dos *bonds* elétricos no Rio de Janeiro. Recuperar os passos desse movimento significa reler uma série de crônicas em que são registradas a inauguração dos *bonds*, os acidentes anacrônicos por eles causados (conseqüência de uma aceleração do tempo, a velocidade dos transportes causa acidentes até hoje), e a falta de indenização das vítimas. Já é colocada em discussão uma política econômica de interesses financeiros, tanto por parte da companhia dos transportes, como por parte dos passageiros, e também o divagar em digressões pelas passagens fragmentárias que vão de uma estação a outra de um tempo entrecortado, seja ela de *bond*, seja ela de burro. O interessante é que o cronista sempre se coloca cúmplice do burro, eleito justamente por ser o animal que é abandonado como meio de transporte, substituído em favor da máquina elétrica do *bond*.

A ambivalência da crônica como forma de produção jornalística, ao ligar-se (que em inglês é estar *bonded*) e ao desligar-se (como é o caso do burro) à nova tecnologia, revela-se no transporte que se faz alegórico da própria crônica como elo, ou liga locomotora. Por um lado, ao reproduzir uma série de episódios "de burros", Machado de Assis mostra o seu próprio engate ou adesão (burra?) à reprodução industrial seriada, no seu próprio trabalho maquínico de cronista: ao se atrelar ao comboio do mundanismo democrático que lhe exige ser tanto passageiro como condutor, produz em forma de fragmentos e os reproduz, ao retomá-los (em séries). Por outro, ao identificar-se com o burro, ao "imaginar" diálogos com o burro e entre burros, transporta-nos ficcionalmente tanto ao valor de cultivo da terra, quanto à antiga cultura de labor (o manual, do escravo; o manuscrito, do cronista) e à simbologia sagrada, mágica, a ela atrelada, valores de pertença que, ao serem profanados e desterritorializados, permitem-nos avaliar criticamente e passo a passo, como se nos transportássemos por burros, o preço que se paga pelas comodidades proporcionadas, efeitos modernizadores dos transportes elétricos de uma companhia anônima que já se antecipa, então, a uma indústria cada vez mais veloz e poderosa. Inclusive, ao exaltar as qualidades quase bíblicas do animal, o cronista mordazmente destaca o aviltante índice de analfabetos no país, que, como os burros, também são desterritorializadas de uma "opinião pública" representada por apenas 30% da nação<sup>8</sup>: "E por falar neste animal, publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa nação não sabe ler" (p. 344).

<sup>8</sup> BRAYNER, Sonia. "Machado de Assis: um cronista de quatro décadas" In: CANDIDO, Antonio et al. *Op. cit.*, p. 415.

Machado de Assis chega a compor setenta regras ou artigos numa espécie de estatuto para os passageiros, das quais publica apenas dez, com os comportamentos que julga adequados à situação do "bond" de uma viagem coletiva (antecipando casos de tosse, de "morrinha", de "amoladores", de conversas indiscretas, etc.) (p. 414). Mais devagar, numa das séries em que aparece o burro, este faz exame de consciência, deitado aos pés dos trilhos dos bonds (p. 608-609), comparando filosoficamente sua irracionalidade ao racional das abelhas e formigas, donde o cronista conclui: "Assim passam os trabalhos deste mundo". Pode-se dizer que Machado de Assis antecipa as passagens do trabalho manual ao mecânico, o que se esclarece numa pergunta implicitamente benjaminiana sobre a queda da aura artística, em que o cronista equaciona o trabalho da produção ao produtor assim como a ópera ao seu autor: "Cairão de uma vez o burro e Verdi?". Chegando mesmo a verificar a desterritorialização da identidade cultural deste trabalho nativo, ao urbanizar-se, sua inevitável queda no anonimato ("burro de cidade não tem nome") coincide com a queda no padrão reprodutivo da série maquinica industrial. De fato, em crônica bem anterior, o tom irônico e profético machadiano é igualmente atual, em relação à mudança cultural das artes, valendo a pena ser lembrado em suas próprias palavras:

"Sejamos do nosso século e da nossa língua. No tempo em que uma vã teoria dominava as coisas do espírito, esses nomes de *artista* e de *arte* tinha restrito emprego: exprimiam certa aplicação de certas faculdades. Mas as línguas e os costumes modificam-se com as instituições. Num regime menos exclusivo, essencialmente democrático, a arte deve vulgarizar-se: é a subdivisão da moeda de Licurgo. Cada um possui com que beber um trago. Daí vem que farppear um touro ou esculpir o *Moisés* é o mesmo fato intelectual: só se difere a matéria e o instrumento. Intrinsecamente, é a mesma coisa. Tempo virá em que um artista nos sirva sopa de legumes, e outro artista nos leve, em tálburi, à fábrica do gás" (p. 382).

Machado remete o gás "do entendimento humano", como "o princípio da falência universal", ao gás de fábrica, desde o *Fiat Lux*<sup>9</sup>, o que indica trocas análogas entre os homens e a divindade: as passagens da luz divina, à de lamparina e à de gás industrial, são trocadas por passagens seculares econômicas, cuja "febre das ações" (significativamente "ações" se traduzem como *bonds*, em inglês) assume, no paraíso terrestre, a "forma rudimentária do encilhamento", a primeira ação do mundo sendo vendida a Eva, através da serpente, "com ágio, que vendeu a Adão, também com ágio, até que ambos faliram" (p. 554). Portanto, ao imaginá-lo reduzido à condição servil, o artista, assim como o seu campo institucional, teria sido desterritorializado

<sup>9</sup> Vale lembrar que *Fiat Lux* se conhece hoje comumente pela marca de fósforos fabricados pela indústria brasileira. Em sua caixinha, cuja antiga embalagem trazia um histórico dos fósforos, hoje traz, apenas e sintomaticamente, a indicação de como usá-lo de modo correto, os dizeres SWEDISH MATCH DO BRASIL, S. A., e o aviso "Mantenha longe das crianças e proteja do calor e da umidade - válido por prazo indeterminado".

por uma economia capitalista: incapaz de se movimentar num outro campo cultural de economias (que não as simbólicas), passaria da versão cristã (do transporte de burro) à versão moderna (ao transporte do *bond*) falido em ciranda financeira e pagã de agiota: demovido de passageiro de *bond*, a cocheiro de tîlhuri. Assim passam as luzes e a eletricidade neste mundo, poderia, hoje, um artista qualquer parodiar Machado, ao passar de ônibus, na "estação terminal" da tecnologia de computadores.

Quanto às séries de burros, as transformações das formas de punição de uma sociedade escravocrata se confundem às formas de fustigar os burros para que acelerem o passo, registradas como formas em extinção (para vantagem do burro e do escravo), em sua superação pela máquina moderna (sem deixarem, como os caros "escondidos" machadianos, de ser impressos na crônica como memória): assim chicotes, galhos de árvore, varas de marmelo são literalmente deixados nos trilhos da crônica enquanto *bond*. Fica claro que a desterritorialização do burro pela máquina está longe de se efetuar somente em relação à extinção do setor agrário (incluindo o braço escravo), da economia de produção. Ela se radicaliza, sobretudo, pela implantação estrangeira da indústria de transportes em solo brasileiro, o que nos desterritorializa de nossa língua pelos *bonds* (como trans-ações lucrativas), obrigando os burros a falarem inglês e a lerem as folhas eventuais dos jornais (como *Pruth*) esquecidos no *bond* pelos passageiros. Estaria Machado de Assis já metendo o seu nariz na globalização?

E no entanto parece ser o artista que confessa, através do cronista:

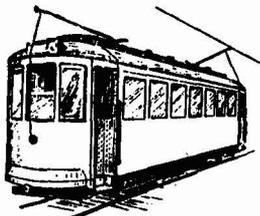
"E por que não sei eu de finanças? Por que, ao lado dos dotes nativos com que aprouve o céu distinguir-me entre os homens, não possuo a ciência financeira? Por que ignoro eu a teoria do imposto, a lei de câmbio, e mal distingo del mil-réis de dez tostões? Nos *bonds* é que me sinto vexado. Há sempre três ou quatro pessoas (principalmente agora) que tratam das cousas, com tal ardor e autoridade, que me oprimem. É então que eu leio algum jornal, se o levo, ou rão as unhas — vício dispensável; mas antes vicioso que ignorante" (p. 545).

Ainda assim, no embarque com Machado de Assis não se perde o *bond* da história. Os modernistas foram os primeiros a nele embarcar, anunciados pela crônica-janela de João do Rio. A função do *bond* é similar à desta janela, ao abrir-se, na expressão de Raul Antelo, "à disponibilidade observadora da sociedade em devir: daí que sua janela [como o *bond*] se imponha, enquanto linguagem, como um sucedâneo da nova gramática da sensibilidade, a do cinema, prefigurando assim as metáforas lancinantes ao gosto dos modernistas, seus primeiros admiradores, na luta por associar arte e vida"<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> ANTELO, Raul (org.). *João do Rio. A alma encantadora das ruas*. SP: Companhia das Letras, 1997, p. 19.

Neste ponto é excusado dar maiores explicações sobre esta série de crônicas de (ou para) burros, da qual vale aqui transcrever uma pequena amostra, a título de lembrança valiosa sobre os múltiplos movimentos, passagens, transportes e locomoções modernas, apenas indicados em seus possíveis entrecruzamentos constelacionais.

\* \* \*



“Inauguraram-se os *bonds* de Santa Teresa, — um sistema de alcatruzes ou de escada de Jacó, — uma imagem das coisas deste mundo.

Quando um *bond* sobe, outro desce; não há tempo em caminho para uma pitada de rapé; quando muito, podem dois sujeitos fazer uma barretada.

O pior é se um dia, naquele subir e descer, descer e subir, subirem uns para o céu e outros descerem ao purgatório, ou quando menos ao necrotério.

Excusado é dizer que as diligências viram esta inauguração com um olhar extremamente melancólico. Alguns burros, afeitos à subida e descida do outeiro, estavam ontem lastimando este novo passo do progresso. Um deles, filósofo, humanitário e ambicioso, murmurava:

— Dizem: *les dieux s'en vont*. Que ironia! Não; não são os deuses, somos nós. *Les ânes s'en vont*, meus colegas, *les ânes s'en vont*.

E esse interessante quadrúpede olhava para o *bond* com um olhar cheio de saudade e humilhação. Talvez rememorava a queda lenta do burro, expelido de toda parte pelo vapor, como o vapor o há de ser pelo balão, e o balão pela eletricidade, a eletricidade por uma força nova, que levará de vez este grande trem do mundo até à estação terminal.

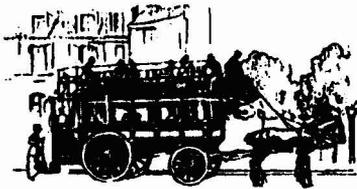
O que assim não seja... por ora.

Mas inauguraram-se os *bonds*. Agora é que Santa Teresa vai ficar à moda. O que havia pior, enfadonho a mais não ser, eram as viagens de diligência, nome irônico de todos os veículos desse gênero. A diligência é um meio-termo entre a tartaruga e o boi.

Uma das vantagens dos *bonds* de Santa Teresa sobre os seus congêneres da cidade, é a impossibilidade da pescaria. A pescaria é a chaga dos outros *bonds*. Assim, entre o Largo do Machado e a Glória, a pescaria é uma verdadeira amolação; cada *bond* desce a passo lento, a olhar para um e outro lado, a catar um passageiro ao longe. Às vezes o passageiro aponta na Praia do Flamengo, o *bond*, polido e generoso, suspende passo, cochila, toma uma pitada, dá dois dedos de conversa, apanha o passageiro, e segue o fadário até a seguinte esquina onde repete a mesma lengalenga.

Nada disso em Santa Teresa: ali o *bond* é um verdadeiro leva-e-traz; não se detém a brincar no caminho, como um estudante vadio.

E se depois do que fica dito, não houver uma alma caridosa que diga que eu tenho em Santa Teresa uma casa para alugar — palavra de honra! o mundo está virado!”<sup>11</sup>



\*\*\*

“Não tendo assistido à inauguração dos *bonds* elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tração e contá-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Anteontem, porém,

indo pela Praia da Lapa, em um *bond* comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond*, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que interava, não só o *bond* elétrico, mas a própria eletricidade. Não é meu ofício censurar essas meias glórias, ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espíritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre algumas mostras de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca?

Em seguida, admirei a marcha serena do *bond*, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como fomos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista, dobrando ele para o Largo da Lapa e Rua do Passeio, e entrando eu na Rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória. A gente do meu *bond* ia saindo aqui e ali, outra gente entrava adiante do fim da linha e já noite, éramos só três pessoas, o condutor, o cocheiro e eu. Os dous cochilavam, eu pensava.

De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco a língua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo. Bem sei que cavalo não é burro; mas reconheci que a língua era a mesma. O burro fala menos, decerto; é talvez o trapista daquela grande divisão animal, mas fala. Fiquei inclinado e escutei:

— Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda.

O da esquerda:

— Desde que a tração elétrica se estenda a todos os *bonds*, estamos livres, parece claro.

<sup>11</sup> MACHADO DE ASSIS. Fragmento III de *História de 15 dias* (15 de março de 1877). *Op. cit.*, p. 363-364.

— Claro parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a história da nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem refletas que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem no dia de Natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vinga-se no dia seguinte.

— Que tem isso com a liberdade?

— Vejo, redargüiu melancolicamente o burro da direita, vejo que há muito de homem nessa cabeça.

— Como assim? bradou o burro da esquerda estacando o passo.

O cocheiro, entre dous cochilos, juntou as rédeas e golpeou a parelha.

— Sentiste o golpe? perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os *bonds* entraram nesta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros desse tempo entoaram cânticos de alegria e abençoaram a idéia dos trilhos, sobre os quais os carros deslizariam naturalmente. Não conheciam o homem.

— Sim, o homem imaginou um chicote, juntando as duas pontas das rédeas. Sei também que, em certos casos, usa um galho de árvore ou uma vara de marmeleiro.

— Justamente. Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada, puxa. Sabes o que a diretoria mandou dizer ao antigo gerente Shannon? Mandou isto: "Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que eles se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, *all right!*"

— Disso não me queixo eu. Sou de poucos comeres; e quando menos trabalho, quando estou repleto. Mas que tem capim com a nossa liberdade, depois do *bond* elétrico?

— O *bond* elétrico apenas nos fará mudar de senhor.

— De que modo?

— Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.

— Pela burra de Balaão! exclamou da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum prêmio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo?

— Passaremos às carroças — continuou o outro pacificamente — onde a nossa vida será um pouco melhor; não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que lhe custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer cousa que nos torne incapaz, restituir-nos-á a liberdade...

— Enfim!

— Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma erva que aí deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de erva, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos; a idade ou a la-

zeira ir-nos-á matando, até que, para usar esta metáfora humana, — esticarmos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de três, a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. No quarto dia, um vizinho, mais atrevido, corre aos jornais, conta o fato e pede uma reclamação. No quinto dia sai a reclamação impressa. No sexto dia, aparece um agente, verifica a exatidão da notícia; no sétimo, chega uma carroça, puxada por outro burro, e leva o cadáver.

Seguiu-se uma pausa.

— Tu és lúgubre, disse o burro da esquerda. Não conheces a língua da esperança.

— Pode ser, meu colega; mas a esperança é própria das espécies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza sem par. A nossa raça é essencialmente filosófica. Ao alto, cabe a ciência da astronomia. Nós nunca seremos astrónomos; mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas quimeras. Cada século...

O freio cortou a frase ao burro, porque o cocheiro encurtou as rédeas, e travou o carro. Tínhamos chegado ao ponto terminal. Desci e fui mirar os dous interlocutores. Não podia crer que fossem eles mesmos. Entretanto, o cocheiro e o condutor cuidaram de desatrelar a parelha para levá-la ao outro lado do carro; aproveitei a ocasião e murmurei baixinho, entre os dous burros:

— *Houyhnhnms!*

Foi um choque elétrico. Ambos deram uma estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

— Que homem és tu, que sabes a nossa língua?

Mas o cocheiro, dando-lhes de rijo na lambada, bradou para mim, que lhe não espantasse os animais. Parece que a lambada devera ser em mim, se era eu que espantava os animais; mas como dizia o burro da esquerda, ainda agora: — Onde está a justiça deste mundo?"<sup>12</sup>

\*\*\*



“Todas as cousas têm a sua filosofia. Se os dous anciãos que o *bond* elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o *bond*, não teriam entestado com o progresso que os eliminou. É duro dizer; duro e ingênuo, um pouco à La Palisse; mas é verdade.

Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?

Há terras, onde as companhias indenizam as vítimas dos desastres

<sup>12</sup> IDEM. *A Semana*, 16 de outubro de 1892. *Ibidem*, p. 550-553.

(ferimentos ou mortes) com avultadas quantias, tudo ordenado por lei. É justo; mas essas terras não têm, e deviam ter, outra lei que obrigasse os feridos e as famílias dos mortos a indenizarem as companhias pela perturbação que os desastres trazem ao horário do serviço. Seria um equilíbrio de direitos e de responsabilidades. Felizmente, como não temos a primeira lei, não precisamos da segunda, e vamos morrendo com a única despesa do enterro e o único lucro das orações.

Falo sem interesse. Dado que venhamos a ter duas leis, jamais a minha viúva indenizará ou será indenizada por nenhuma companhia. Um precioso amigo meu, hoje morto, costumava dizer que não passava pela frente de um *bond*, sem calcular a hipótese de cair entre os trilhos e o tempo de levantar-se e chegar ao outro lado. Era um bom conselho, como o *Doutor Sovina* era uma boa farsa, antes das farsas do Pena. Eu, o Pena dos cautelosos, levo o cálculo adiante: calculo ainda o tempo de escovar-me no alfaiate próximo. Próximo pode ser longe, mas muito mais longe é a eternidade.

Em todo caso, não vamos concluir contra a eletricidade. Logicamente, teríamos de condenar todas as máquinas, e, visto que há naufrágios, queimar todos os navios. Não, senhor. A necrologia dos *bonds* tirados a burros é assaz comprida e lúgubre para mostrar que o governo de tração não tem nada com os desastres. Os jornais de quinta-feira disseram que o carro ia apressado, e um deles explicou a pressa, dizendo que tinha de chegar ao ponto à hora certa, com prazo curto. Bem; poder-se-iam combinar as cousas, espaçando os prazos e aparelhando carros novos, elétricos ou muarres, para acudir à necessidade pública. Digamos mais cem, mais duzentos carros. Nem só de pão vive o acionista, mas também da alegria e da integridade dos seus semelhantes.

Convenho que, durante uns quatro meses, os *bonds* elétricos andem muito mais aceleradamente que os outros, para fugir ao riso dos vadios e à toleima dos ignaros. Uns e outros imaginam que a eletricidade é uma versão do processo culinário à *la minute*, e podem vir a enlamear o veículo com alcunhas feias. Lembra-me (era bem criança) que, nos primeiros tempos do gás no Rio de Janeiro, houve uns dias de luz frouxa, de onde os moleques sacaram este dito: *o gás virou lamparina*. E o dito ficou e impôs-se, e eu ainda o ouvi aplicar aos amores expirantes, às belezas murchas, a todas as cousas decaídas.

Ah! se eu for a contar as memórias da infância, deixo a semana no meio, remonto os tempos e faço um volume. Paro na primeira estação, 1864, famoso ano da suspensão de pagamentos (ministério Furtado); respiro, subo e paro em 1867, quando a febre das ações atacou a esta pobre cidade, que só arribou à força do quinino do desengano. Remoto ainda e vou a...

Aonde? Posso ir até antes do meu nascimento, até Law. Grande Law! Também tu tiveste um dia de celebridade; depois, viraste embromador e ca-

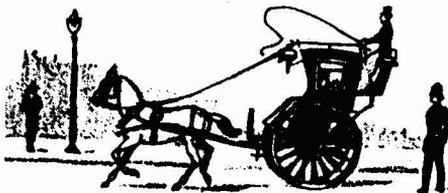
iste na casinha da história, o lugar dos lava-pratos. E assim irei de século a século, até o paraíso terrestre, forma rudimentária do encilhamento, onde se vendeu a primeira ação do mundo. Eva comprou-a à serpente, com ágio, e vendeu-a a Adão, também com ágio, até que ambos faliram. E irei ainda mais alto, antes do paraíso terrestre, ao *Fiat Lux*, que, bem, estudado ao gás do entendimento humano, foi o princípio da falência universal.

Não; cuidemos só da semana. A simples ameaça de contar as minhas memórias diminuiu-me o papel em tal maneira, que é preciso agora apertar as letras e as linhas.

Semana quer dizer finanças. Finanças implicam financeiros. Financeiros não vão sem projetos, e eu não sei formular projetos. Tenho idéias boas, e até bonitas, algumas grandiosas, outras complicadas, muito 2%, muito lastro, muito resgate, toda a técnica da ciência; mas falta-me o talento de compor, de dividir as idéias por artigos, de subdividir os artigos em parágrafos, e estes em letras *a b c*; sai-me tudo confuso e atrapalhado. Mas por que não farei um projeto financeiro ou bancário, lançando-lhe no fim as palavras da velha praxe: *salva a redação*? Poderia baralhar tudo, é certo; mas não se joga sem baralhar as cartas; de outro modo é embaraçar os parceiros.

Adeus. O melhor é ficar calado. Sei que a semana não foi só de finanças, mas também de outras cousas, como a crise de transportes, a carne, discursos extraordinários ou explicativos, um projeto de estrada de ferro que nos põe às costas de Lisboa, e a mulher de César, que reapareceu no seio do parlamento. Vi entrar esta célebre senhora por aquela casa, e, depois de alguns minutos, via-se sair. Corri à porta e detive-a: — “Ilustre Pompéia, que vieste fazer a esta casa?” — “Obedecer ainda uma vez à citação da minha pessoa. Que queres tu? meu marido lembrou-se de fazer uma bonita frase, e entregou-me por todos os séculos a amigos, conhecidos e desconhecidos.”<sup>13</sup>

\*\*\*



“Ontem de manhã, indo ao jardim, como de costume, achei lá um burro. Não leram mal, não, meus senhores, era um burro de carne e osso, de mais osso que carne. Ora, eu tenho rosas no jardim, rosas que cultivo

com amor, que me querem bem, que me saúdam todas as manhãs com os seus melhores cheiros, e dizem sem pudor cousas mui galantes sobre as delícias da vida, porque eu não consinto que as cortem do pé. Hão de morrer onde nasceram.

<sup>13</sup> IDEM. *A Semana*, 23 de outubro de 1892. *Ibidem*, p. 553-555.

Vendo o burro naquele lugar, lembrei-me de Lucius, ou Lucius da Tessália, que, só com mastigar algumas rosas, passou uma vez de burro a gente. Estremeci, e — confesso a minha ingratidão — foi menos pela perda das rosas, que pelo terror do prodígio. Hipócrita, como me cumpria ser, saudei o burro com grandes reverências, e chamei-lhe Lucius. Ele abanou as orelhas, e retorquiu:

— Não me chamo Lucius.

Fiquei sem pinga de sangue; mas para não agravá-lo com demonstrações de espanto, que lhe seriam duras, disse:

— Não? Então o nome de Vossa Senhoria...?

— Também não tenho senhoria. Nomes só se dão a cavalos, e quase exclusivamente a cavalos de corrida. Não leu hoje telegramas de Londres, noticiando que nas corridas de Oaks venceram os cavalos Fulano e Sicrano? Não leu a mesma cousa quinta-feira, a respeito das corridas de Epsom? Burro de cidade, burro que puxa *bond* ou carroça não tem nome; na roça pode ser. Cavalo é tão adulado que, vencendo uma corrida na Inglaterra, manda-se-lhe o nome a todos os cantos da terra. Não pense que fiz verso: às vezes saem-me rimas da boca, e podia achar editor para elas, se quisesse; mas não tenho ambições literárias. Falo rimado, porque falo poucas vezes, e atrapalho-me. Pois, sim senhor. E sabe de quem é o primeiro dos cavalos vencedores de Epsom, o que se chama Ladas? É do próprio chefe do governo, *lord* Roseberry, que ainda não há muito ganhou com ele dous mil guinéus.

— Quem é que lhe conta todas essas cousas inglesas?

— Quem? Ah! meu amigo, é justamente o que me traz a seus pés, disse o burro ajoelhando-se, mas levantando-se, a meu pedido. E continuou: Sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...

— Justiça, justiça, emendei eu com hipocrisia e servilismo.

— Vejo que me compreende. Ouça-me; serei breve. Em regra, só se devia ensinar aos burros a língua do país; mas o finado Greenough, o primeiro gerente que teve a companhia do Jardim Botânico, achou que devia mandar ensinar inglês aos burros dos *bonds*. Compreende-se o motivo do ato. Recém-chegado ao Rio de Janeiro, trazia mais vivo que nunca o amor da língua natal. Era natural crer que nenhuma outra cabia a todas as criaturas da terra. Eu aprendi com facilidade...

— Como? Pois o senhor é contemporâneo da primeira gerência?

— Sim, senhor; eu e alguns mais. Somos já poucos, mas vamos trabalhando. Admira-me que se admire. Devia conhecer os animais de 1869 pela valente decrepitude com que, embora deitando a alma pela boca, puxamos

os carros e os ossos. Há nisto um resto da disciplina, que nos deu a primeira educação. Apanhamos, é verdade, apanhamos de chicote, de ponta de pé, de ponta de rédea, de ponta de ferro, mas é só quando as poucas forças não acodem ao desejo; os burros modernos, esses tão teimosos, resistem mais à pancadaria. Afinal, são moços.

Suspirou e continuou:

— No meio da tanta aflição, vale-nos a leitura, principalmente de folhas inglesas e americanas, quando algum passageiro as esquece no *bond*. Um deles esqueceu anteontem um número do *Pruth*. Conhece o *Pruth*?

— Conheço.

— É um periódico radical de Londres, continuou o burro, dando à força, a notícia, como um simples homem. Radical e semanal. É escrito por um cidadão, que dizem ser deputado. O número era o último, chegado de fresco. Mal me levaram à manjedoura, ou cousa que o valha, folheei o periódico de Labouchère... Chamava-se Labouchère o redator. O periódico publica sempre em duas colunas a notícia comparativa das sentenças dadas pelos tribunais londrinos, com o fim de mostrar que os pobres e desamparados têm mais duras penas que os que não o são, e por atos de menor monta. Ora, que hei de ler no número chegado? Cousas destas. Um tal John Fearon Bell, convencido de maltratar quatro potros, não lhes dando suficiente comida e bebida, do que resultou morrer um e ficarem três em mísero estado, foi condenado a cinco libras de multa; ao lado desse vinha o caso de Fuão Thompson, que foi encontrado a dormir em um celeiro e condenado a um mês de cadeia. Outra comparação. Elliott, acusado de maltratar dezesseis bezerras, cinco libras de multa e custas. Mary Ellen Connor, acusada de vagabundagem, um mês de prisão. William Poppe, por não dar comida bastante a oito cavalos, cinco libras e custas. William Dudd, aprendiz de pescador, réu de desobediência, vinte e dous dias de prisão. Tudo mais assim. Um rapaz tirou um ovo de faisão de um ninho: quatorze dias de cadeia. Um senhor maltratou quatro vacas: cinco libras e custas.

— Realmente, disse eu sem grande convicção, a diferença é enorme...

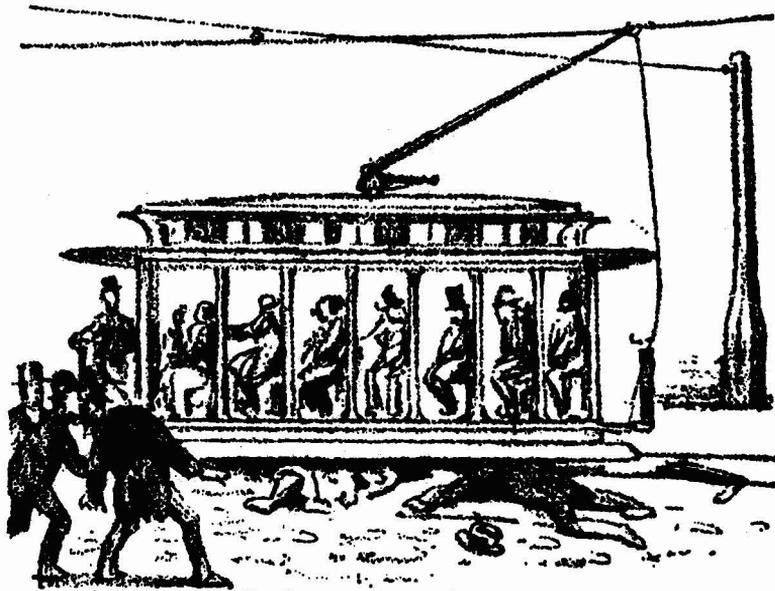
— Ah! meu nobre amigo! Eu e os meus pedimos essa diferença, por maior que seja. Condenem a um mês ou a um ano os que tirarem ovos ou dormirem na rua; mas condenem a cinqüenta ou cem mil-réis aqueles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida suficiente, ou, ao contrário, dando-nos excessiva pancada. Estamos prontos a apanhar, é o nosso destino, e eu já estou velho para aprender outro costume; mas seja com moderação, sem esse furor de cocheiros e carroceiros. O que o tal inglês acha pouco para punir os que acha que são cruéis conosco, eu acho que é bastante. Quem é pobre não tem vícios. Não exijo cadeia para os nossos

opressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão eficazes. O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.

— Farei o que puder; mas...

— Mas quê? O senhor afinal é da espécie humana, há de defender os seus. Eia, fale aos amigos da imprensa; ponha-se à frente de um grande movimento popular. O conselho municipal vai levantar um empréstimo, não? Diga-lhe que, se lançar uma pena pecuniária sobre os que maltratam burros, cobrirá cinco ou seis vezes o empréstimo, sem pagar juro, e ainda lhe sobrará dinheiro para o Teatro Municipal, e para teatros paroquiais, se quiser. Ainda uma vez, respeitável senhor, cuide um pouco de nós. Foram os homens que descobriram que nós éramos seus tios, senão diretos, por afinidade. Pois, meu caro sobrinho, é tempo de reconstituir a família. Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *Treze de Maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!

Não se imagina a eloquência destas últimas palavras. Cheio de entusiasmo, prometi, pelo céu e pela terra, que faria tudo. Perguntei-lhe se lia o português com facilidade; e, respondendo-me que sim, disse-lhe que procurasse a *Gazeta* de hoje. Agradeceu-me com voz lacrimosa, fez um gesto de orelhas, e saiu do jardim vagarosamente, cai aqui, cai acolá.<sup>14</sup>



<sup>14</sup> IDEM. *A Semana*, 10 de junho de 1894. *Ibidem*, p. 608-611.